

ANTROPOLOGIA PORTUGUESA

Neste número

Práticas Artísticas na Modernidade

*Um Encontro sobre
Antropologia das Artes*

Vol. 11
1993

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UMA CASA*

Filomena Silvano
Tereza Coelho

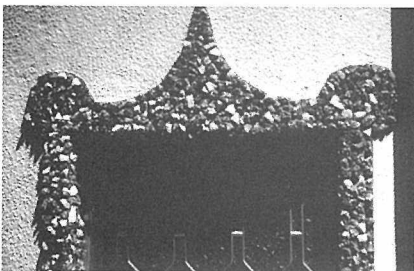
Resumo: Os emigrantes respondem à ameaça de desarticulação dos seus sistemas de representação através da criação de um novo espaço; uma utopia que se inscreve no lugar de partida.

É a casa ausente, uma realidade que se constrói ao ritmo das idas e das vindas. Estas casas são o exemplo de uma operacionalidade que produz universos significantes a partir de fragmentos: citam os espaços ausentes (os telhados inclinados, as torres e as ameias) ou desdobram-se nas respostas dadas a uma mesma necessidade, de forma a preservar vários saberes e vários hábitos (duplas cozinhas e duplas casas de banho).

Ao construírem as suas casas os emigrantes fazem exercícios de recomposição de códigos, criam novas formas de organização do habitat e, conseqüentemente, instauram novas formas de sociabilidade.

Palavras-chave: Casa do emigrante, utopia, habitat, identidade, modos de vida.

* Fotografias gentilmente cedidas por Rui Gageiro



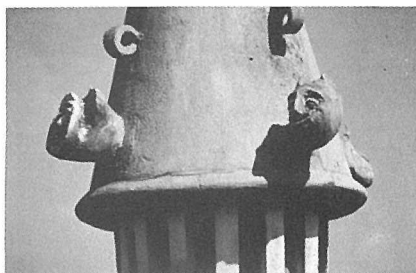
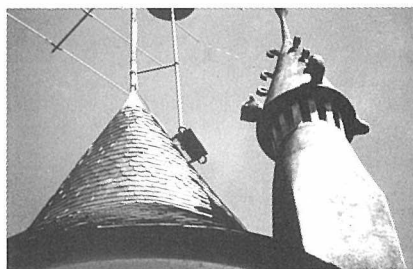
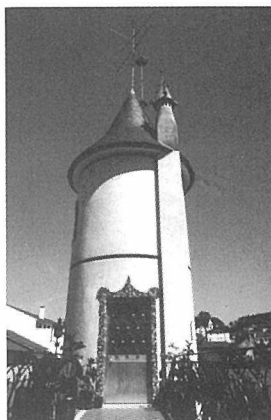
Álvaro Barbosa voltou a Portugal no Verão de 1974. Diz que esperou por uma lei que dizia que os emigrantes podiam vir sem terem de fazer o serviço militar. Instalou uma oficina, que mais tarde se tornou uma fábrica de sistemas de aquecimento e produção de caldeiras, segundo uma patente registada no LNEC. Depois construiu uma discoteca, para as noites da Caranguejeira, aldeia onde vive. A seguir construiu uma casa. Uma casa diferente de todas as outras, porque não gosta de casas todas iguais, *se as casas fossem todas iguais não era preciso andar a ver o país, chegava-se à fronteira e já se tinha visto tudo, os turistas da Alemanha ou da Holanda ou da Bélgica ou da América chegavam à entrada de Portugal e não valia a pena percorrerem nada. O melhor era terem ficado em casa.*

Gostei sempre muito do trabalho artístico. Gosto de inovar, de gradeamentos artísticos, daqueles que dêem gosto. Iguais àquele que eu fiz não se vêem mais, e se se virem dois ou três é porque foram copiados. Quando há um desenhador, o que ele quer é o dinheiro. Já tem marcado no papel vegetal uma casa e com o mesmo desenho faz uma e outra, são todas iguais. Eu conheço bastante bem o país e claro que nem em todas as zonas foi permitido fazer uma casa com determinados requintes. E há sítios em que nem sequer há materiais para isso. Mas a pessoa quando tem gosto numa coisa vai e faz.

Foi o que Álvaro Barbosa fez: *eu tenho ali aquela fachada revestida com uma pedra que não há aqui na zona – fui buscá-la para cima de Viseu. É pedra de*

mica, uma pedra com que se faz um vidro que resiste ao calor. Eu vi uma tinha uns doze anos, e levei muito tempo a saber de onde é que ela era. Gastei muito dinheiro a procurá-la. Tinha uma pedra pequenina de mica, que guardou sempre com ele. Agora há-de ser guardada na torre da casa, com as outras recordações, é para isso que serve a torre: para guardar a memória. As pedras e outras coisas. Desde o primeiro relógio que eu tenho desde os catorze anos, antes de andar a dar serventia de pedreiro, enquanto ainda guardava ovelhas. Tinha uma caixinha enterrada no chão e ia lá pondo o dinheiro que conseguia juntar. O relógio guardei-o sempre, comprei outros depois...e a torre está reservada para isso.

A casa em frente também tem uma torre. É a casa de uma pessoa amiga, que veio viver para cá e queria uma torre igual à minha, é diferente porque igual não tinha graça nenhuma, estarmos a fazer as mesmas uma em frente da outra. “Desenhou, e a torre do outro ficou exactamente como no desenho. Como a casa dele, que não vendia nem por quarenta mil contos, que já lhe ofereceram; simplesmente porque é a casa onde ele quer viver, e uma pessoa tem de viver numa casa de que gosta. Eu queria dar uma certa dimensão à casa, sem irmos muito para o moderno. Só fiquei com pena por causa dos aluminios. Devia ser uma casa com madeiras. Mas realmente na altura não tinha posses para isso. Não é nada que não se possa modificar, tem é que ser uma madeira feita, não é uma madeira qualquer... uma que dê contornos ao





estilo antigo – quer dizer, isto não é bem antigo – é uma fase intermédia.

A casa tem dois andares – porque ele tem dois filhos. *Quando tinha a casa já com o primeiro andar pensei que depois podia já não ter dinheiro para fazer a casa para o outro. Depois imaginei uma passagem obrigatória pela torre para quem habitasse o primeiro ou o segundo andar, como imaginei o quarto da torre para as coisas que juntei. Fiz os desenhos todos e a Câmara aprovou. Parece que já têm posto entraves, mas eu continuo na minha, a pessoa deve habitar uma casa de que goste. Onde se sintam bem, porque mora dentro dela.*

AS CASAS INCONGRUENTES

Normalmente as pessoas não gostam destas casas. São demasiado diferentes das outras, porque supõem uma organização muito específica da realidade, como uma pessoa que se lembra de pôr a cama na sala e tem de enfrentar os olhares dos que vêm de visita. Os emigrantes organizaram, segundo os seus próprios critérios, o seu espaço, a sua memória, a sua identidade. Realizaram uma utopia. De um sonho que tinham desde antes do dia em que se foram embora.



Começaram por viver noutra o país, com a ideia de uma casa, para depois. Uma casa ausente: uma realidade que iam construindo ao ritmo dos regressos. Viviam materialmente num quarto pequeno, numa barraca ou num HLM em Paris ou noutra cidade qualquer, e viviam mentalmente na casa que queriam

construir. Viviam rodeados de objectos ausentes: todo o “recheio” dessa casa, que compravam e não tinha sítio, no sítio onde realmente viviam. Depois foram comprando, sempre mais, por todos os sítios por onde passaram. A casa de Portugal era construída segundo planos que correspondiam a fragmentos de sonhos, como num exercício de colagens, uma casa feita dos retalhos de que eram feitos os sonhos. Para se dizer num registo sério pode-se falar em recomposição de códigos.

À heterogeneidade de uma vida feita de fragmentos de vida, as casas construídas faziam corresponder a heterogeneidade dos espaços. Quando partiram, os emigrantes foram transplantados dos espaços domésticos de origem para espaços reduzidos, onde a família tentava proteger-se de uma organização pública que não dominavam, nem socialmente, nem culturalmente. Nunca quiseram, nem puderam, investir o espaço exterior onde eram obrigados a viver – ninguém investe um espaço imposto e provisório.

Em contrapartida, o lugar de onde tinham vindo – uma aldeia portuguesa, na generalidade dos casos – permitia a inscrição de uma utopia: a utopia de uma casa, um espaço que lhes permitia continuar a viver, virtualmente, na aldeia. Anos depois, a casa estava pronta e voltaram. E, depois de todos os anos passados a viver mentalmente numa casa que não estava onde viviam, começaram a viver numa casa que eles queriam que fosse diferente de todas as outras. E, nesse sentido, continuaram sempre a viver noutra espaço: aquelas casas não





faziam parte da aldeia. Como eles também não faziam.

As histórias das vidas dos emigrantes são como as epopeias: um herói que abandona um lugar e que se confronta com provas diversas, que culminam na obtenção de objectos de valor que progridem no tempo, seguindo uma escala hierárquica que tem dois termos essenciais – um carro e depois uma casa, acima de tudo.

Uma casa onde a organização do espaço privado também ilustra como se constrói uma nova identidade. No interior dois mundos opostos compatibilizam-se, e coexistem: uma cozinha moderna duplicada por uma cozinha tradicional, que continua a ser o lugar de convívio. Aquecimentos duplicados por lareiras, salas que ninguém usa. A não ser para receber visitas de longe, mais longe do que a aldeia. Uma nova organização da vida doméstica.

Mas não é apenas no espaço interior da casa que se manifesta o “efeito de composição”: as fachadas são espectaculares e congregam referências vindas de muitos lugares. Nenhum emigrante faz construir uma casa sem uma fachada que, no seu excesso de presença e de visibilidade, expõe, sem hipótese de dúvida, a impossibilidade de se apagarem as diferenças. Também reivindica esse direito. As fachadas das casas impõem a heterogeneidade cultural de quem as concebeu, manifestam uma vontade de agir que se orienta para o espaço público. Estas casas, na sua utilização popular da linguagem da arquitectura, produzem um sentido próprio que mais nenhuma saberiam produzir.



Disse-se que eram um fenómeno. Como todos os fenómenos, teve uma época. Alguns emigrantes não voltaram e nunca chegaram a viver naquelas casas. As gerações sucederam-se, e depois os emigrantes desistiram de voltar. Para memória, ficaram casas incongruentes. São muitas. Não é preciso ouvir histórias para saber que as vidas das pessoas foram incongruentes, na mesma exacta medida.